

# A ESCOLA UNITÁRIA EM GRAMSCI

Ramofly Bicalho dos Santos

*Universidade Iguazu*

**RESUMO:** A escola, para Gramsci, necessita de uma organização em que as atitudes tomadas sejam equilibradas e efetivamente exista um relacionamento constante entre o trabalho manual, técnico, industrial e o trabalho intelectual. A escola unitária por ele defendida reúne em si características que priorizam uma cultura humanística e formativa. Esta escola deve estar envolvida com a criação, com o trabalho independente e autônomo, não se preocupando apenas com a exagerada valorização da memória e com o ensino puramente dogmático e repetitivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gramsci. Escola unitária. Organização.

## **Introdução**

Neste trabalho tentarei refletir sobre a escola unitária, proposta e defendida por Gramsci e, quando me proponho a discutir a importância dessa escola, tento direcionar todos os esforços para uma proposta educativa que dialogue com um grupo significativo de alunos que ficaram e ainda ficam à margem de toda discussão social, política e educativa, não tendo a grata oportunidade de perceber que seus conhecimentos são importantes e que necessariamente devem ser valorizados.

A escola, para Gramsci, necessita de uma organização em que as atitudes tomadas sejam equilibradas e efetivamente exista um relacionamento constante entre o trabalho manual, técnico, industrial e o trabalho intelectual. A escola unitária por ele defendida reúne em si características que prioriza uma cultura humanística e formativa. Esta escola deve estar envolvida com a criação, com o trabalho independente e autônomo, não se preocupando apenas com a exagerada valorização da memória e com o ensino puramente dogmático e repetitivo. Para Gramsci,

O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre o trabalho intelectual e o trabalho industrial, não somente na escola, mas em toda a vida social. O princípio unitário refletir-se-á, portanto, em todos os organismos de cultura, transformando-os e dando-lhes um novo conteúdo.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere* nº 12-XXIX, p. 8.

## 1. A atuação do Estado

Cabe aqui uma breve discussão sobre a participação do Estado no atendimento ao maior número possível de educandos e educandas que queiram ingressar e permanecer com qualidade nas instituições escolares democráticas, públicas e gratuitas. Para Gramsci, o Estado deveria ter a função e a responsabilidade de educar a grande massa da população. Entretanto, percebemos que a educação está nitidamente voltada para atender apenas as necessidades da classe dominante, até porque é na escola que o Estado tem uma das mais importantes áreas de atuação, já que ele mesmo, com suas estratégias, educa. Ele, através das suas próprias instituições, dificilmente reconhece as causas das imperfeições sociais e quando assim o faz, retira a sua responsabilidade, atribuindo-a a determinadas leis naturais, criando-se com isso o hábito de que nenhuma força humana teria condições de reverter esses males sociais.

Quanto mais forte e autônomo é esse Estado, menor são as chances de se investigar as origens dos males sociais e o porquê da não efetivação e valorização da escola pública, democrática, de qualidade e do acesso e da permanência de alunos e alunas. Percebe-se que este Estado tem a sua origem na nítida contradição entre a vida pública e a vida privada, nos interesses gerais e nos interesses particulares e, para diminuir a desorganização presente nas suas várias administrações, precisa urgentemente acabar com os benefícios da vida privada.

Está aí o grande problema a ser resolvido, pois acabar com os interesses particulares e as condições da vida privada é estar indo de encontro com a própria existência do Estado, já que este existe para manter a vida privada. O Estado é a maneira encontrada para que os indivíduos da classe dominante possam colocar em prática os seus interesses comuns. Dessa forma, percebemos que o Estado adquiriu uma existência bastante particular e a par da sociedade civil (sindicatos, movimentos sociais, igrejas, etc.). Entretanto, ele é apenas uma linha nessa enorme rede, linha esta que busca privilegiar e garantir os interesses da classe dominante. Vejamos Marx e Engels: “Os escritores franceses, ingleses e americanos mais recentes manifestam todos a opinião de que o Estado só existe por causa da propriedade privada, pelo que isto passou também à consciência geral” (MARX & ENGELS, 1984, p. 101)

Com esta obra, Marx e Engels, pela primeira vez na história, deixam de considerar o Estado como representante geral dos interesses da sociedade, para vincular

a sua atuação aos interesses da classe dominante. O Estado passa a atuar de forma ilusória, já que ele se constitui como órgão de dominação dessa classe, pois, da mesma forma que protege os indivíduos, age por outro lado controlando e vigiando a população através de redes bem compactadas de intervenção, e esse controle, muitas vezes, é feito diretamente pela escola. Vejamos o que diz Andy Hargreaves sobre essa discussão entre educação e Estado moderno:

Em todo o mundo, uma das reformas estatais mais importantes e mais difundidas foi a educação de massas. Por um lado, esta foi conquistada, enquanto direito, por uma população cada vez mais livre e politicamente organizada. Conferiu aos jovens o direito de usufruírem de oportunidades educativas e sociais. Por outro lado, a educação de massas também formou a futura força de trabalho e sustentou a ordem e o controle social. Nas palavras de um crítico, ela representou, nada mais nada menos, do que um aparelho ideológico de Estado. Portanto, a relação entre a educação e o Estado Moderno não tem sido consistentemente benigna. (HARGREAVES, Andy, 2000, p. 31)

A escola hoje, infelizmente, tem uma atuação bastante distanciada da realidade dos educandos e educandas. Ela não vem contribuindo para o necessário entrosamento e reflexão acerca das suas estruturas, da burocracia e do enorme dinamismo presente no mundo, hoje. Toda essa distância entre a teoria ensinada nas salas de aula e a realidade do que se é praticado na vida, no trabalho, na família contribui decisivamente para aumentar as dificuldades contemporâneas que estamos vivenciando, interferindo diretamente na escola e no ensino, possibilitando o contato, cada vez maior, com gravíssimas conseqüências educacionais, tais como o enorme número de analfabetos em nosso país, além de uma altíssima taxa de evasão escolar.

Marx e Engels mostram que o Estado não pode ser considerado a entidade representativa dos interesses gerais e específicos de uma sociedade, já que vinculam-se a esse Estado, apenas os interesses da classe social dominante. O Estado, ao se considerar autônomo e independente em relação aos interesses particulares e também coletivos, coloca-se na falsa condição de “comunidade dos homens”, entretanto, como já foi abordado, é uma comunidade enganosa e ilusória, na medida em que ele, por trás de todas as falsas experiências que o constituem, está obviamente vinculado e preso à classe dominante, tendo nela o seu órgão principal de dominação.

## 2. A Escola Unitária em Gramsci

A escola unitária requer que o Estado possa assumir as despesas que hoje estão a cargo da família, para a manutenção dos escolares, isto é, que se transforme inteiramente o orçamento da educação nacional, ampliando-o de modo extraordinário e tornando-o mais complexo; a inteira função da educação e formação das novas gerações deixa de ser privada e torna-se pública, pois somente assim pode ela envolver todas as gerações, sem distinções de grupo ou de castas.<sup>2</sup>

Tentaremos, no desenvolvimento deste tópico, situar algumas contribuições essenciais no que se refere aos escritos de Gramsci. Assim, a escola unitária será nosso foco de análise. Na implementação responsável e crítica dessa proposta de escola, é essencial o comprometimento tanto de educadores quanto de educandos em todas as etapas e fases da construção do conhecimento. Dessa forma, percebe-se na organização curricular a preocupação com os conceitos relacionados ao humanismo, a autodisciplina intelectual e à autonomia. Esses conceitos tornam-se relevantes, pois é através deles que os educandos terão condições de se especializar, seja essa especialização científica, aquela que envolve os estudos universitários, ou a especialização prático-produtiva, que engloba conhecimentos a respeito da indústria, burocracia e outros.

Com o surgimento da escola unitária pretende-se um novo conjunto de relações envolvendo o trabalho intelectual e o trabalho industrial. O envolvimento da teoria e da prática se refletirá não somente na escola, mas no âmbito de toda a vida social, dando ênfase à transformação e emprestando-lhes novos conteúdos que contribuirão para posicionamentos críticos e reflexivos diante da realidade estudada. Para Paolo Nosella,

A educação de massa deve sim enraizar-se no senso comum, dele partir, mas se não ultrapassar aqueles limites, se não puxar para cima torna-se educação conservadora, caótica, jesuítica, isto é, conquista a adesão do povo mantendo-o porém no mesmo nível em que efetivamente está. (NOSELLA, 1992, p. 29)

Pensando na escola atual, percebe-se hoje, uma enorme tendência na valorização estritamente profissional, preocupada apenas em satisfazer interesses imediatos, esquecendo e, mesmo não dando a devida importância aos conteúdos relacionados à formação humana, aos conteúdos de uma “escola desinteressada”. O termo “desinteressado” aqui reflete basicamente uma contraposição a “interesseiro”, “mesquinho” ou mesmo “individualista”. A “cultura desinteressada” para Gramsci

---

<sup>2</sup> GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere* nº 12-XXIX.

relaciona-se com atitudes de seriedade, de valorização de uma cultura ampla, coletiva e que envolva os homens, como seres históricos. Diante disso, é importante ficarmos atentos ao que Gramsci define como escola do tipo esnobe:

Muitas dessas escolas modernas são precisamente do tipo esnobe, que nada têm a ver (a não ser superficialmente) com a questão de criar um tipo de escola que eduque as classes instrumentais e subordinada para um papel dirigente na sociedade, como um conjunto e não como indivíduos singulares. (GRAMSCI In: MANACORDA, 1990, p. 193)

Entendemos melhor a escola desinteressada como possibilidades do educando construir posicionamentos críticos acerca da realidade em que atua, buscando aspectos que reflitam e enalteçam o desenvolvimento do seu caráter. Essa escola, necessariamente, está relacionada com conhecimentos que valorizem o humano, que respeite e defenda a liberdade e a livre iniciativa. Espaço onde os alunos pratiquem a sua individualidade em benefício da coletividade. Pensar esta escola desinteressada é, estar envolvido e comprometido com todos esses adjetivos. A propósito da formação humanística, Gramsci defende que este termo deve ser entendido de maneira mais ampla e não apenas no sentido tradicional. Este humanismo deve se relacionar com conceitos referentes à autodisciplina intelectual e à autonomia moral.

O grande problema da valorização da escola de tipo profissional em detrimento da escola desinteressada é que, para dificultar ainda mais o nosso entendimento, vem sendo aceita e colocada como uma ferramenta em benefício da democracia. Entretanto, a realidade pode ser outra e, essas atitudes vêm contribuindo para um maior alargamento e distanciamento das diferenças sociais. Diante dessa distorção, se faz necessária a construção de novas hipóteses e olhares a respeito das instituições preocupadas apenas com o lado profissional.

Então, a escola unitária seria o desfecho de toda situação de crise em que a sociedade está inserida, crise da velha escola que se separou da vida, tornando-se com isso especializada demais. Precisamos estar atentos ao fato de que a construção da escola unitária não necessariamente está relacionada à derrocada da escola tradicional, ou mesmo do Estado Burguês. A escola unitária será mais um elemento para romper com o subalterno e criar as condições necessárias para possibilitar uma ascensão das classes subordinadas, desarticulando a escola burguesa baseada em medidas elitistas, conservadoras e cristalizadoras das diferenças sociais.

Não podemos, de maneira alguma, descartar a escola burguesa de hoje, erguida historicamente através de lutas e enfrentamentos políticos e ideológicos, patrimônio cultural e reflexo do engajamento das massas populares na cobrança de seus direitos. Para transformarmos essa escola, precisaremos partir do que temos na atualidade e, esquecer essa contextualização histórica é estar desvalorizando todo um passado de luta e comprometimento daqueles que, direta ou indiretamente, estiveram envolvidos na construção das instituições escolares. Para Manacorda, no livro *O princípio educativo em Gramsci*,

Tais concepções, em lugar de quererem transformar essa escola que aí está, partindo dela mesma, projetam num passado distante ou num futuro socialista o modelo ideal da escola popular. Ficam sem muitas condições de projetar uma efetiva reforma da escola. (MANACORDA, 1990, p. 194)

Gramsci defende a necessidade de criação de uma escola preparatória que conduza todos os jovens até a escola profissional, sendo esses jovens capazes de pensar, estudar, dirigir e controlar quem dirige, não exercendo apenas o trabalho manual. O operário que, democraticamente, teve as condições necessárias de se qualificar e de exercer uma função de direção, constrói para si a oportunidade de tornar-se um “governante”. O envolvimento teórico e prático com a organização da sociedade poderá proporcionar as efetivas condições para que a governabilidade se exerça.

A escola de hoje, aquela voltada basicamente para os interesses da população mais carente, não se interessa em trabalhar na organização de atividades comprometidas com a construção de uma sociedade mais humana e democrática. Ela mesma contribui para a preservação da atual situação de descaso e despreparo físico e intelectual de seus membros, alunos e alunas, professores e professoras. A escola tradicional, para Gramsci, é bastante oligárquica não somente pelo seu método de ensino e pela sua enorme intenção de formar homens superiores, mas principalmente por formar homens vinculados apenas a uma elite de futuros dirigentes, que obviamente pertencem a um determinado extrato social. Pensando neste tipo de escola tradicional, Gramsci se posiciona da seguinte forma:

Se quisermos romper essa trama será necessário, portanto, não multiplicar e graduar os tipos de escola profissional, mas criar o tipo único de escola preparatória (elementar-média) que conduza o jovem até o limiar da escolha

profissional, formando-o, nesse meio tempo, como um homem capaz de pensar, de estudar, de dirigir, ou de controlar quem dirige.<sup>3</sup>

A escola profissional, como já foi mencionado, dá a falsa impressão de ser democrática, pois tende a criar novas estratificações sociais, permitindo que o operário, por exemplo, passe da situação de não-qualificação para qualificado, criando-se enganosamente, maior mobilidade social.

A título de exemplo, percebe-se que a questão é tão complicada e discriminatória que alguns parlamentares fascistas desenvolveram, como propostas para a instrução popular, três tipos de escola: a profissional, a média técnica e a clássica. A profissional, para os operários e camponeses, a média técnica para os pequenos burgueses e a clássica para a classe dirigente. O pior ainda estava por vir, pois apenas uma minoria de parlamentares defendia a hipótese de passagem da escola profissional para a escola técnica, enquanto que, por unanimidade, todos os parlamentares defendiam a não aceitação da passagem da escola profissional, para a escola clássica.

A escola descomprometida esquece intencionalmente as suas obrigações e o exercício de superação que deveria fazer parte das iniciativas escolares. Esquece que a organização escolar não pode se resumir apenas à valorização de uma minoria privilegiada, mas, em contrapartida, ter clara a idéia de obrigatoriedade no atendimento do maior número possível de pessoas de uma dada comunidade que assim desejam fazer parte de alguma instituição escolar.

Como já foi dito, percebemos que hoje existe uma tendência maior à valorização, por parte da sociedade, das escolas de tipo profissional, aquelas preocupadas em satisfazer os interesses mais imediatos e, por que não dizer os interesses do mercado visto como um regulador de funções. Por outro lado, cresce o desprestígio da escola formativa, aquela em que os pressupostos básicos da formação humana baseiam-se na valorização do ser humano como um ser capaz, ético e que trabalhe para o engrandecimento do grupo. Conceitos de uma escola desinteressada, mas que estão esquecidos na atual conjuntura de globalização e avanço do neoliberalismo.

Essa escola, na qual se valoriza o lado profissional em detrimento da formação humana, traz conseqüências gravíssimas para a sociedade, pois, num primeiro

---

<sup>3</sup>GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*: Caderno 4-XIII. p. 31.

momento, pode até ser entendida como democrática. Entretanto, na realidade, o que se percebe é um aumento exagerado das desigualdades sociais, já que nem todos possuem as mesmas oportunidades de acesso a essa educação profissional.

Se estivermos preocupados e envolvidos com uma educação pública de qualidade, é urgente pensar num redimensionamento dessas escolas profissionais, no intuito de se construírem estratégias de atuação efetiva que contribua para a organização e defesa de instituições escolares mais democráticas e comprometidas com a formação teórica e prática. Com essas atitudes e encaminhamentos, acreditamos na possibilidade de criação das devidas condições para que o educando conquiste a necessária independência intelectual na escolha da carreira profissional. Esta formação deve estar entrelaçada, conforme mencionado, com o ato sublime de pensar, estudar, dirigir e até mesmo controlar quem está dirigindo. Para Gramsci:

O dirigente deve possuir aquele mínimo de cultura geral técnica que lhe permita, senão “criar” autonomamente a solução justa, pelo menos saber julgar entre as soluções propostas pelos especialistas e escolher, conseqüentemente, a que for mais justa do ponto de vista “sintético” da técnica política.<sup>4</sup>

A escola unitária então, estabelece um forte envolvimento com a cultura geral, com o lado humano e real, além do justo equilíbrio entre a capacidade de realizar operações manuais (industrial) e a capacidade de agir intelectualmente, de pensar. O próprio Marx já havia falado em combinação de instrução e trabalho fabril. Em suma, a função de direção e a função técnica não poderão estar separadas e é nesta escola unitária, com uma metodologia rigorosa e democrática que formaremos os dirigentes e, ao mesmo tempo, os técnicos, num entrosamento essencial entre a ciência e o trabalho.

Gramsci, ao pensar na escola unitária, propõe dois níveis metodológicos de ensino: o primeiro bastante ativo e criativo, o segundo de preparação para o estudo universitário, a orientação profissional. Com todo o seu envolvimento, percebe a escola como o centro da dupla ação da hegemonia, uma em relação aos intelectuais e a outra em relação às massas. Diante dessa constatação preocupa-se com a construção de um programa escolar e de princípios educativos que dêem conta desses dois grupos, dessas duas esferas de construção do conhecimento. Vejamos:

---

<sup>4</sup> GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere* n° 12-XXIX, p. 7.



Para Gramsci a escola unitária é escola de trabalho intelectual e manual (técnico, industrial); que seu objetivo é a formação dos valores fundamentais do humanismo, isto é, a autodisciplina intelectual e a autonomia moral necessárias tanto para os estudos posteriores como para a profissão; que a instrução das novas gerações e das gerações adultas se apresentam sempre para ele como uma série contínua; que para ele nenhuma profissão está privada de conteúdos e exigências intelectuais e culturais, e ainda, que a vida moderna implica num novo entrelaçamento entre ciência e trabalho. (MANACORDA, 1990, p. 163)

Gramsci admite que a multiplicação de escolas profissionais altamente especializadas, desde os primeiros anos de estudo, apenas contribui para o crescimento de quadros antidemocráticos que ainda presenciamos quanto às questões educacionais. Diante desse quadro, é relevante a idéia de fortalecimento e preocupação com a criação de uma nova camada de intelectuais envolvidos com a sociedade de que fazem parte e com o bem-estar do coletivo. O engajamento deste intelectual deve ser construído, tendo por base, atitudes de respeito, solidariedade, otimismo, responsabilidade e a preocupação constante de não sermos contraditórios, essencialmente na relação daquilo que falamos e praticamos.

### **3. Relação entre teoria e prática**

Um outro ponto muito discutido em Gramsci é a defesa de posicionamentos que valorizem a necessária relação entre teoria e prática, fazendo-se bastante presente nos seus escritos. Percebemos, com clareza, o envolvimento do autor a respeito deste ponto, quando propõe a unificação entre os vários organismos de cultura existentes como, por exemplo, as academias e os círculos filológicos ligados às atividades da vida coletiva, do trabalho e da produção. Vejamos uma bela passagem em Gramsci, para entendermos com maior eficácia os problemas decorrentes da distância do que se ensina em sala de aula e a realidade viva das pessoas, da cultura e dos países em questão:

Aprende-se o latim (ou melhor, estuda-se o latim), analisa-se esta língua mesmo em suas partículas mais elementares, analisa-se como uma coisa morta (...) é preciso não esquecer que, no lugar onde este estudo é feito sob estas formas, a vida dos romanos é um mito que, numa certa medida, já interessou à criança e ainda a interessa, de modo que está sempre presente no morto um grande vivo. E, além disso, a língua é morta, é analisada como uma coisa inerte, como um cadáver na mesa anatômica, mas revive continuamente nos exemplos, nas narrações. (GRAMSCI, 1968, p. 134)

A respeito das crianças, Gramsci nos adverte que a consciência delas não é algo individual, pelo contrário, reflete as relações sociais de envolvimento familiar, religioso e de participação na sociedade em que está inserida. No entanto, não existe ainda uma conformidade e um casamento entre o que se ensina e se aprende na vida e no trabalho ligado ao que se ensina e o que se aprende nos bancos escolares. A escola precisa existir dentro da criança para que ela tenha maior participação e envolvimento nas atividades cobradas, pois, a consciência delas não está relacionada apenas aos conteúdos cobrados nas escolas.

Diante disso, é fundamental que se construam e organizem instituições escolares diretamente ligadas à vida e, não somente a conteúdos soltos e sem valor histórico, didático, pedagógico e humano para os alunos. Para Gramsci, os educandos adquirem um conjunto enorme de conhecimentos e aptidões bem antes dos seis anos e esses conhecimentos deveriam tornar a vida escolar mais prazerosa e menos cansativa.

O “certo” torna-se “verdadeiro” na consciência da criança. Mas a consciência da criança não é algo “individual” (e muito menos individualizado), é o reflexo da fração da sociedade civil de que participa a criança, das relações sociais tais como elas se concentram na família, na vizinhança, na aldeia, etc. A consciência individual da esmagadora maioria das crianças reflete relações civis e culturais diversas e antagônicas às que são representadas pelos programas escolares; o “certo” de uma cultura evoluída torna-se “verdadeiro” nos quadros de uma cultura fossilizada e anacrônica, não há unidade entre escola e vida e, por isso, não há unidade entre instrução e educação. (GRAMSCI In: MANACORDA, 1990, p. 245)

Gramsci na citação acima defende, a relação escola-vida, superando, por ventura, qualquer atitude individualista no que se refere à educação. Amplia a discussão a respeito da ligação entre instrução-educação defendendo a hipótese de que o professor com o seu trabalho prático e a sua participação ativa e viva pode contribuir para a melhoria da situação educacional. O educador para Gramsci, precisa ter a consciência dos contrastes entre “O tipo de sociedade e de cultura que ele representa e o tipo de sociedade e de cultura representado pelos alunos, e ter a consciência, além disso, de sua tarefa, que consiste em acelerar e disciplinar a formação do jovem, tendo em vista o tipo superior em luta com o tipo inferior” (GRAMSCI In: MANACORDA, 1990, p. 246).

A relação existente entre instrução e educação deve pautar-se por atitudes de responsabilidade, com envolvimento que abominem por completo o relaxamento, os

esquemas propostos apenas em papel, desligados totalmente da realidade educacional dos educandos. Dessa forma, enquanto educadores, poderemos contribuir para melhorar a qualidade do ensino e maior participação dos envolvidos no processo. Manacorda afirma que “não é o professor individual, mas o complexo social a que ele pertence; não é o aluno individual, mas a relação real escola-vida que transcende, seja o indivíduo, sejam suas boas intenções, que podem tornar verdadeiramente ativa a escola” (MANACORDA, 1990, p. 247)

A realidade, para Gramsci, não se traduz apenas em alguns esquemas teóricos, ela é muito mais complexa e contraditória. Com esse argumento é possível formular hipóteses, possibilidades e estratégias conjuntas de lutas com os alunos e trabalhadores envolvidos nesse processo. Um outro ponto muito importante na análise de Gramsci é seu estudo sobre a cultura. Este defende que ela não deve ser concebida como um saber enciclopédico, no qual o homem é visto apenas como um recipiente ou um depositário, numa atitude totalmente passiva em relação aos conteúdos que estão sendo ministrados. Vejamos: “é preciso desacostumar e parar de conceber a cultura como saber enciclopédico, para o qual o homem é um recipiente a ser enchido e no qual devem ser depositados dados empíricos, fatos brutos e desarticulados”.

Este tipo de cultura é bastante prejudicial ao educando, ao proletário, já que em nenhuma hipótese contribui para a formação do novo homem. A cultura deve estar diretamente relacionada com um ambiente organizado, com a disciplina do próprio eu interior, com o fortalecimento da personalidade, com a busca de seus direitos e deveres, enfim, com a percepção do valor histórico que cada indivíduo possui dentro de uma determinada sociedade.

Em relação ao corpo docente, percebemos que existe uma simpatia por parte de Gramsci no aumento do número de professores, pois a tendência é que quanto maior o número de profissionais envolvidos e comprometidos com a educação, maior será a eficácia da escola, pois este professor irá ministrar menos aulas e conseqüentemente a um número menor de alunos, contribuindo para a necessária qualidade no ensino. Ainda em relação aos docentes, Gramsci defende a intenção de tratá-los, não de forma individual, mas sim, um corpo docente considerado como um conjunto social, não aceitando divisões entre dirigentes e dirigidos e, nem mesmo defendendo aquilo que se denominou chamar de educação subalterna.

Gramsci, em seus escritos, ainda menciona o espaço físico desejado para o bom funcionamento da escola unitária. Este tipo de escola deve proporcionar aos educandos um ambiente que, além de oferecer uma educação que respeite os educandos ofereça também dormitórios, refeitórios, bibliotecas, enfim, todo um conjunto de requisitos que irão contribuir para um melhor aprimoramento tanto dos educadores, como dos educandos.

### **Considerações finais**

“O profundo amor que Gramsci tem pela igualdade rejeita qualquer rebaixamento cultural e escolar com vistas a proteger ou assistir os pobres: estes precisam apenas da igualdade de condições para estudar”. A partir da citação acima, de Paolo Nosella, direciono as minhas considerações finais.

A escola democrática deve estar preparada para oferecer, sem restrições alguma, não somente o conceito de igualdade e liberdade, mas que esses princípios possam ser colocados em prática e utilizados no cotidiano e no dia-a-dia de todos aqueles que, direta ou indiretamente, tenham uma ligação com a escola vista como, um bem público, um serviço público e, que necessariamente ofereça qualidade. Dessa forma estaremos, todos nós, colaborando para a construção de um país socialmente mais justo e com uma melhor distribuição de renda e de terras entre os indivíduos.

Hoje passamos por enormes transformações no campo econômico, e por conta dessas transformações, aqueles que se virem privado de um mínimo de conhecimento a respeito dos conteúdos matemáticos, da leitura e da escrita, poderão estar sendo gradativamente colocados à margem da sociedade. Acreditamos que a educação deva ser entendida como uma ferramenta indispensável para a prática e o exercício da cidadania, até porque essa educação deve incentivar o indivíduo a valorizar-se, a permanentemente perceber que os ensinamentos adquiridos fora de sala de aula, a educação extraclasse, também têm sua importância e qualidade e, que uma sociedade educada com base nas idéias relacionadas à solidariedade, convivência, igualdade e diversidade só tende a crescer e melhor desenvolver seu potencial.

Universalizar, então, o atendimento à educação e proporcionar uma participação mais ativa, daqueles que de alguma maneira estão politicamente engajados nesta luta,

deveria ser uma obrigação do Estado, este que tem a responsabilidade de viabilizar e incentivar o acesso do aluno, seja esse aluno uma criança, um adolescente, jovem ou adulto. Não somente proporcionar o acesso, mas também a permanência em alguma instituição escolar pública, gratuita e de qualidade.

Devemos ressaltar que os estabelecimentos públicos exercem papel fundamental neste processo já que, de fato, devem ser os principais locais de ofertas de cursos oferecidos, de acordo com as necessidades e disponibilidades do aluno. Para que esta democratização escolar aconteça, se faz necessário um número bem maior de escolas para acolher todos os cidadãos brasileiros, além de profissionais competentes e compromissados com a causa de que nenhum cidadão tenha o desprazer de ser taxado de excluído.

O compromisso ético e a oferta de reais condições de inclusão e acesso à escola devem prevalecer e estar acima de qualquer hipótese. Acreditamos que estes encaminhamentos contribuirão para a tão sonhada e esperada igualdade de oportunidades no que toca a questão da escolaridade. Esse trabalho teve a intenção de esclarecer, com posicionamentos, o conceito de escola unitária, já que acredito na importância histórica e educacional deste tipo de escola, até mesmo para fortalecer idéias centrais e pertinentes na obra de Antonio Gramsci.

A escola criadora não significa escola de inventores e descobridores; ela indica uma fase e um método de investigação e de conhecimento, e não um programa predeterminado que obrigue à inovação e à originalidade a todo custo. Indica que a aprendizagem ocorre notadamente graças a um esforço espontâneo e autônomo do discente, e no qual o professor exerce apenas uma função de guia amigável (...). Descobrir por si mesmo uma verdade, sem sugestões e ajudas exteriores, é criação (mesmo que a verdade seja velha) e demonstra a posse do método; indica que, de qualquer modo, entrou-se na fase da maturidade intelectual na qual se pode descobrir verdades novas. (GRAMSCI, 1968, p. 124 e 124)

### **Referencias Bibliográficas:**

BOBBIO, Norberto. *Igualdade e liberdade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978 a.

HARGREAVES, Andy. *Os professores em tempos de mudanças*. Lisboa: McGraw, 2000.

MANACORDA, Mário A. *O princípio educativo em Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Centauro, 1984.

NOSELLA, Paolo. *A escola de Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

### **The unitary school in Gramsci**

Ramofly Bicalho dos Santos

**ABSTRACT:** The school for Gramsci needs an organization where the actions taken are balanced and actually there is a constant relationship between the manual labor, and the technical, industrial and intellectual work. The unitary school he defended features a culture that gives priority to humanism and training. This school should be involved with the creation, with the independent and autonomous work, not only concerned with excessive exploitation of memory and the purely dogmatic and repetitive education.

**KEY WORDS:** Gramsci. Unitary school. Organization.